

# O caráter e a moralidade humana segundo Arthur Schopenhauer

## Human character and morality according to Arthur Schopenhauer

SABRINA ANDRADE BARBOSA<sup>1</sup>

**Resumo:** A ética schopenhaueriana pode ser considerada o ponto de chegada de todo seu *organon* filosófico: a partir dela pode ser considerado sobressalente o egoísmo intrínseco ao ser humano, a fim de valorizar adequadamente o agir com compaixão. Para tanto, o estudo da moral começa com a investigação do agir (*Wirken*) humano, a partir da verificação do que realmente acontece, em vez de prescrevendo regras sobre o que deve acontecer, como na moral kantiana. A partir disso, o estudo schopenhaueriano começa considerando diretamente para a origem do agir humano, para buscar nele as suas motivações e na experiência mesma os seus princípios, neste artigo iremos investigar os três principais caracteres humanos descritos por Schopenhauer e como cada um funciona.

**Palavras-chave:** Arthur Schopenhauer. Ética. Caráter humano.

**Abstract:** Schopenhauerian ethics can be considered the point of arrival of all its philosophical organon: from it, the intrinsic selfishness of the human being can be considered as a spare part, in order to properly value acting with compassion. Therefore, the study of morals begins with the investigation of human action (*Wirken*), from the verification of what actually happens, instead of prescribing rules about what should happen, as in Kantian morals. From this, the Schopenhauerian study begins by considering directly to the origin of human action, to seek in it its motivations and in the experience itself its principles, in this article we will investigate the three main human characters described by Schopenhauer and how each one works.

**Keywords:** Arthur Schopenhauer. Ethics. Human character.

### O caráter e a moralidade humana

Segundo Arthur Schopenhauer, existem três principais motivações que compõem o caráter humano: o egoísmo, a maldade e a compaixão, como sendo os três elementos que atuam sobre o caráter humano.

Graças ao caráter empírico, como manifestação fenomênica do caráter inteligível, tornou-se possível uma qualificação das ações dos indivíduos em egoístas, maldosas ou compassivas. Cada indivíduo, devido a uma diferença natural, que é inata e originária, manifesta um caráter próprio, distinto de todos os demais, em vista do qual é estimulado, predominantemente, pelos motivos para os quais sua sensibilidade é preponderante afetada. Relativamente a isso, diz Schopenhauer:

A três motivações morais dos homens, o egoísmo, a maldade e a compaixão, estão presentes em cada um numa relação incrivelmente diferente. Conforme está for, os motivos agirão sobre

---

<sup>1</sup> Graduada e Mestre em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: sabrina\_abarb@hotmail.com.

ele e as ações acontecerão. Sobre um caráter egoísta, só terão força os motivos egoístas, e tanto os referentes à compaixão como os referentes à maldade não lhe serão superiores. [...] Pois há caracteres que sentem um prazer em causar um sofrimento alheio que supera grandemente o próprio (SCHOPENHAUER, 1995, p. 196).

Todos os méritos morais, que são dados *a priori*, são inatos, pois, no fundo, cada indivíduo só realiza o que já está em sua natureza: “é o querer-viver, que, amargurado mais e mais pelo contínuo sofrimento da existência, procura aliviar seu próprio padecimento causando o dos outros” (SCHOPENHAUER, 1988, p. 206).

Em face disso, o egoísmo se funda, segundo Schopenhauer, na ilusão da representação, que apresenta o mundo como individualizado, como existindo sempre diferença entre as pessoas e, por isso, segundo sua natureza, que ele é sem limites. Tendo isso presente o homem que quer conservar incondicionalmente sua existência a quer incondicionalmente livre da dor e acredita, por isso, que só importa seu bem-estar, colocando-se sempre em primeiro lugar. Isto é, o indivíduo pensa e age como se ele e apenas seus interesses tivessem a máxima importância e prioridade diante do mundo. À base disso, continua Schopenhauer:

Todas as suas ações surgem, via de regra, do egoísmo, e é sempre neste que deve ser por fim buscada a explicação de uma ação dada, como também é nele que está inteiramente fundamentado o cálculo de todos os meios pelos quais busca-se conduzir o homem a qualquer alvo que seja (SCHOPENHAUER, 1995, p. 121).

63

Nesse particular, o egoísmo domina e pode levar o ser humano a produzir todas as formas de crimes e delitos. No entanto, pondera Schopenhauer, as dores causadas aos outros mediante atitudes egoístas realizadas por alguém são, para si mesmo, ainda só um mero meio, e não um fim. Em contrapartida, para a maldoso e o cruel, o sofrimento e a dor de outrem são já fins em si, visto que aqui gerar dor aos outros é que dá prazer ao indivíduo tomado por esses sentimentos. Por isso, eles trazem uma alta carga de maldade moral. Pondera Schopenhauer:

Este egoísmo é ligado o mais estreitamente possível, tanto no homem como no animal, com o âmago e o ser mais íntimo deles e lhes é propriamente idêntico. Assim, o egoísmo é a primeira e a mais importante potência, embora não seja a única, que a motivação moral tem de combater. Já se vê por aí que o motivo moral, para apresentar-se contra tal opositor, tem de ser algo real, ao invés de uma sutileza aguda ou de uma bolha de sabão apriorística (SCHOPENHAUER, 1995, p. 121).

Por sua vez, inteiramente diferente do egoísmo e da maldade, a bondade do coração humano consiste em uma compaixão, sentida profundamente, a tudo o que tem vida: ela aparece de modo universal. Segundo Schopenhauer, essa compaixão

acontece, primeiro, diante do sofrimento humano. Em vista da virtude cardeal da justiça, essa bondade do caráter impede toda ofensa a outrem; e, a partir da virtude cardeal da caridade, o ser humano estende sua ajuda a qualquer um que se apresente em sofrimento (SCHOPENHAUER, 1995, p. 196).

A ética schopenhaueriana pode ser considerada o ponto de chegada de todo seu *organon* filosófico: a partir dela pode ser considerado sobressalente o egoísmo intrínseco ao ser humano, a fim de valorizar adequadamente o agir com compaixão. Para tanto, o estudo da moral começa com a investigação do agir (*Wirken*) humano, a partir da verificação do que realmente acontece, em vez de prescrevendo regras sobre o que deve acontecer, como na moral kantiana.

A partir disso, o estudo schopenhaueriano começa considerando diretamente para a origem do agir humano, para buscar nele as suas motivações e na experiência mesma os seus princípios. Schopenhauer percebe que a vontade humana, assim como seu agir, submete-se à ação de motivos (*Motiven*). No entanto, apenas os motivos não explicam o querer em sua essência, pois os motivos funcionam só como ocasião para que se manifeste o querer.<sup>2</sup>

O que realmente acontece é que o caráter individual do homem, juntamente com os motivos, determina o comportamento dos indivíduos, manifestando nas ações a sua vontade (querer). Sobre isso observa Cacciola:

O homem possui um caráter, ou seja, uma individualidade que faz com que os motivos não atuem do mesmo modo sobre os outros homens. Motivos e caráter são os dois fatores que determinam o comportamento, que se torna a partir daí tão necessário quanto qualquer movimento no mundo inorgânico (1994, p. 55).

No homem, os motivos agem de maneira diferente do que no resto da natureza, pois, no ser humano temos a mediação do conhecimento abstrato sobre esses motivos. Assim, em sua ação o ser humano está diretamente influenciado pelo seu caráter inato, podendo também ser influenciado pelos motivos, seja se esses foram criados pela razão, isto é, forem falsos, seja se forem verdadeiros. Na medida em que há a predominância nisto do caráter, isso se deve ao fato de ele estar fundado, desde sempre, de modo imanente, no fundo da natureza individual, ligada à vontade individual e, portanto, à Vontade em-si.

### **Caráter inteligível**

Para o nosso filósofo, visto que não são as ações que determinam o caráter, mas o caráter é que determina a ação, a ação se segue, de modo necessário, de nossa

<sup>2</sup> Considerado do ponto de vista da violação da lei civil de “não roubar”, a ponderação schopenhaueriana possibilita entender a correção judiciosa do dito popular “A ocasião faz o ladrão”, atribuída ao eminente literato carioca, Machado de Assis, que havia ponderado: “A ocasião faz o furto; o ladrão nasce feito” (1904, p. 236).

essência, isto é, da vontade. A vontade manifestada no indivíduo constitui o querer original e fundamental dele: ela se torna conhecida por causa dos motivos. Tais motivos são a forma da causalidade por meio das representações intuitivas ou abstratas, e por isso há de se pressupor em cada ação sempre um motivo atuando (STAUDT, 2014, p. 41).

Além disso, ainda que o motivo seja a causa ocasional para determinar a ação, esta tem de ser considerada como decidida metafisicamente, isto é, pela nossa essência, cujo estofado é um caráter inteligível: ele é que propicia o conteúdo íntimo das ações, apesar das diversas formas de sua manifestação.

Visto que toda a ação depende de um motivo, esse é apresentado pelo entendimento, que coloca em atividade a vontade; desse modo os motivos são apenas causas acidentais que determinam o fenômeno da ação dos indivíduos, não sendo aquilo que, em si mesmo, a determina; o que a determina em si mesma é seu caráter inteligível. A esse respeito, diz Schopenhauer:

Nisto o homem não faz exceção ao restante da natureza: também ele tem uma natureza fixa, seu caráter imutável, que, todavia, é bem individual e, em cada um, é outro. Para nossa apreensão este é mesmo empírico, mas por isso mesmo apenas fenômeno. O que ele possa ser de acordo com a sua essência em si mesma chama-se *caráter inteligível* (1995, p. 96). (grifo meu)

65

Sob essa perspectiva, o caráter já nasce fixado metafisicamente e, por conseguinte, permanece imutável ao longo de toda a vida. Por isso não cabe atribuir às ações, segundo seu caráter inteligível, qualquer causa advinda do mundo fenomênico, pois o caráter inteligível é a própria vontade livre. E, em termos de determinação, esse caráter inteligível tem preponderância sobre o caráter empírico e adquirido.

Diante disso, pergunta-se: em que repousa a diferença enorme no comportamento moral dos homens? Por que uma pessoa é movida pela paixão e outras não o são? Um homem mal pode-se tornar justo e caridoso? A resposta que o nosso filósofo nos dá é bastante dura: “a diferença dos caracteres é inata e indelével. A maldade é tão inata ao maldoso como o dente venenoso ou a glândula venenosa da serpente. Também como ela, ele não pode mudar” (SCHOPENHAUER, 1995, p. 190). Portanto, para Schopenhauer, nossa individualidade moral não se determina pelas relações de espaço, tempo e causalidade, isto é, pela simples representação, pois a base da individualidade moral do homem se situa no interior mais profundo de seu ser. Diz ele:

Disto se segue ainda que a individualidade não repousa unicamente no *principium individuationis* e destarte não é inteiramente simples fenômeno, mas que ela se enraíza na coisa em si, na vontade do indivíduo, pois seu próprio caráter é individual. Qual a

profundidade aqui atingida pelas suas raízes, constitui uma das questões cuja resposta não empreendo (SCHOPENHAUER, 1988, p. 206).

A vontade ou o caráter inteligível, uma vez fora de qualquer relação causal ou temporal, não permite qualquer tipo de mudança ou alteração, sendo isso, diz o filósofo, o seu caráter imutável e incorrigível. Desse modo, em seu conteúdo íntimo não poderá o caráter inteligível ser educado, alterado nem modificado. Diz Schopenhauer:

Se o caráter não fosse, como originário, imutável e por isso impenetrável a toda melhoria mediante a correção pelo entendimento; se, antes, como aquela ética superficial o afirma, fosse possível uma melhoria do caráter mediante a moral, e de acordo com isso, “um progresso para o bem”, então, se assim muitas instituições religiosas e os esforços moralizantes não tivessem errado o alvo, a metade mais velha da humanidade teria que ser significativamente melhor do que a mais jovem, pelo menos na média. Há, porém, tão poucos traços disto que, inversamente, esperamos antes algo de bom dos jovens do que dos velhos, que ficaram piores com a experiência (1995, p. 194-195).

Por isso, sendo o caráter inteligível um caráter inato, imutável e constante em seu íntimo, todos os atos do indivíduo são determinados por ele. Diz Schopenhauer:

Realmente o fundamento e a propedêutica para todo conhecimento humano é o convencimento de que o agir do homem, no todo e no essencial, não é conduzido por sua razão e seus preceitos, por isso ninguém se torna isso ou aquilo, por mais que queira sê-lo, de seu caráter inato e imutável procede o seu agir, é mais específica e estreitamente determinado pelos motivos, e em consequência é o produto necessário destes dois fatores (1988, p. 209).

O caráter inteligível pode ser resumido na frase de Goethe “assim deves ser, não podes fugir de ti mesmo” (2002, p. 10). No entanto, se há por um lado o fundamento inteligível – o caráter – para assentar o caráter inalterável da destinação das ações humanas, por outro lado há o polo complementar, o aspecto empírico do caráter. Vejamos, a seguir, em que ele consiste e qual sua ligação com a compreensão total da ação vinculada à fundamentação moral.

### **Caráter empírico**

O lado empírico do caráter é a manifestação no tempo do caráter inteligível. Para o filósofo tal manifestação não deve ser concebida como relação causal, pois, de modo “inegavelmente individual [ela] é a mera manifestação fenomênica do caráter inteligível” (ORRUTEA, 2014, p. 168). O caráter empírico do caráter é, portanto, fenomênico e, como fenômeno, as ações do indivíduo estão vinculadas, necessariamente, aos motivos, isto é, dependem deles.

Assim, as ações humanas, por nós acessadas pela experiência interna e externa, expressam o caráter empírico de cada indivíduo no tempo, de modo que a vida, a conduta do homem e o caráter empírico são, anota Schopenhauer,

[...] apenas o desdobramento do caráter inteligível, são apenas o desenvolvimento de decididas e imutáveis disposições já reconhecíveis na criança. A conduta, por assim dizer, está fixamente determinada desde o nascimento e no essencial permanece a mesma até o fim da vida (2005, p. 380).

Visto que o caráter do homem possui uma natureza fixa, não é suficiente querer atribuir, diz Schopenhauer, ao caráter empírico a possibilidade de sua mudança ontológica, pois o caráter empírico é já determinado pelo caráter inteligível e, por ser individual e imutável, ajusta-se também às manifestações exteriores, a saber, aos motivos. Continua Schopenhauer:

O caráter empírico é absolutamente determinado pelo caráter inteligível, o qual é sem-fundamento, isto é, não está, enquanto coisa-em-si, Vontade, submetido ao princípio de razão (forma do fenômeno). O caráter empírico tem de fornecer num decurso de vida a imagem-cópia do caráter inteligível, e não pode tomar outra direção a não ser aquela que permite a essência deste último. Semelhante determinação estende-se apenas ao essencial, não ao inessencial do decurso de vida que assim aparece. Ao inessencial pertence a determinação detalhada dos eventos e ações, que são o estofa no qual o caráter empírico se mostra; eles são determinados por circunstâncias externas que fornecem os motivos aos quais o caráter reage em conformidade com sua natureza (2005, p. 224).

67

Por isso, pela individualidade de cada ser humano, cada caráter reage distintamente aos motivos segundo essa sua natureza fixa e, como “cópias” do caráter inteligível, cada caráter mostra pela experiência as verdadeiras características do seu ‘em si’, podendo aplicá-lo também para conhecer a índole de outros homens. Desse modo, “conhecemos através do tempo - por meio do caráter empírico - aquilo que está fora do tempo - nosso caráter inteligível, [...] [isto é] somente por meio da experiência podemos conhecer não apenas os outros, mas também a nós mesmos” (ORRUTEA, 2014, p. 163). Sobre isso, complementa Schopenhauer:

[...] sua natureza em si [do homem] é o caráter inteligível que está presente igualmente em todos os atos do indivíduo e impresso em todos eles, como o carimbo em mil selos, e que determina o caráter empírico deste fenômeno que se manifesta no tempo e na sucessão dos atos (2001, p. 94).

Novamente, para Schopenhauer, a natureza do mundo como Vontade, que concebe todos os atos do indivíduo como ligados a ela, reforça e reitera a

característica inessencial do mundo fenomênico, afirmada por Schopenhauer nos seguintes termos: “Conseqüentemente, cada homem é o que é mediante sua vontade. Seu caráter é originário, pois querer é a base do seu ser” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 379).

Em vista da fixação prévia de todo caráter empírico num estofó inteligível, de que modo pode ser admitido qualquer tipo de aprendizado pelo ser humano, visto que ele, pela sua experiência interna e externa, pode muito bem se aproximar de um conhecimento melhor, concernente ao que pode querer para si? Vejamos a seguir de que modo nosso autor tematiza isso a partir da noção do caráter adquirido.

### **Caráter adquirido**

Em sua diferenciação do mestre Kant, para Schopenhauer, é necessário ser acrescentado mais um tipo de caráter a fim de definir as diferenças entre os indivíduos humanos. Esse caráter adicional pode ser chamado de caráter adquirido: ele provém das faculdades do intelecto e está apto à correção e ao aperfeiçoamento, devido à sua condição fenomênica. Esse caráter pode ser considerado como aquele mais próximo ao autoconhecimento do indivíduo por si mesmo, que na observância da constância de suas ações reconhece os limites do seu caráter a partir da própria experiência. Nele se trata, pondera Schopenhauer:

[...] o conhecimento mais acabado possível da própria individualidade. Trata-se do saber abstrato, portanto distinto das qualidades invariáveis do nosso caráter empírico, bem como da medida e direção das nossas faculdades espirituais e corporais, portanto dos pontos fortes e fracos da nossa individualidade. Isso nos coloca na condição de agora guiar, com clareza de consciência e metodicamente, o papel sempre invariável de nossa pessoa, que antes naturalizávamos sem regra, e preencher, segundo a instrução de conceitos fixos, as lacunas provocadas por humores e fraquezas (2005, p. 393-394).

Nesse sentido, os caracteres empírico e adquirido são fenomênicos, mediados pelo conhecimento, e são possíveis só mediante o intelecto, a partir da função da faculdade humana da memória e da reflexão, que faz com que os indivíduos se coloquem a si mesmos como objeto de avaliação.

Desde a admissão desse terceiro tipo de caráter, Schopenhauer argumenta que os indivíduos aprendem pela experiência o que querem e podem fazer, sendo possível alcançar, por isso, “a partir da intelecção, uma economia de forças diante de situações e demandas que, de antemão, fogem as reais possibilidades do seu caráter” (PEDREIRA, 2017, p. 147).

Visto que, independentemente do quão deplorável possa ser o caráter de um indivíduo, as instituições educativas (que partem da ideia de melhoria dos

indivíduos) não poderão interferir no conteúdo ontológico do caráter, por sua vez, elas podem se ater à forma de exteriorização desse caráter. Um aparente paradoxo se manifesta aqui: embora um indivíduo pudesse passar toda a sua vida a repudiar o seu caráter (inteligível), nem por isso ele alcançaria, alguma vez, desvencilhar-se deste seu caráter fundamental. Aqui entra o caráter adquirido para lidar com o modo de exteriorização do caráter, que poderia ser fonte de dissabores para o seu sujeito. Em vista disso, diz Schopenhauer, os seres humanos, embora pudessem ser considerados como indivíduos

[...] fracos, [nós ainda assim] desenvolveremos, empregaremos, usaremos de todas as maneiras os nossos dons naturais mais destacados e sempre nos direcionaremos para onde são proveitosos e valiosos, evitando por inteiro e com auto abnegação aqueles esforços em relação aos quais temos pouca aptidão natural (SCHOPENHAUER, 2005, p. 394).

Por isso, os motivos, cuja fonte é o intelecto, apenas têm a possibilidade de “modificar a direção do esforço” da vontade e conduzir o objeto da sua procura a partir de novos caminhos (FERRAZ, 2014, p. 146). Por conseguinte, a função da instrução e da educação está limitada aqui a mostrar à vontade, que não está sendo utilizada adequadamente, os meios para que atinja os seus objetivos. Assim, o sujeito e o indivíduo aprendem a se (auto)conhecer somente através das ações que resultam dos motivos mais fortes e influentes e que se manifestam na experiência. Diz Schopenhauer:

Como os motivos que determinam o fenômeno do caráter, ou o agir, fazem efeito sobre ele mediante o *medium* do conhecimento, e o conhecimento, por seu turno, é variável, oscilando constantemente entre o erro e a verdade, porém, via de regra retificando-se cada vez mais no curso da vida, embora em graus muito diferentes, vem daí que a conduta de um homem pode variar notavelmente sem que com isso se deva concluir sobre a mudança em seu caráter. O que o homem realmente e em geral quer, a tendência de seu ser mais íntimo e um fim que persegue em conformidade a ela, nunca pode mudar por ação exterior sobre ele, via instrução; do contrário, poderíamos recriá-lo (2005, p. 380-381).

Segundo isso, o caráter adquirido é resultante, para Schopenhauer, da extensão do conhecimento do próprio indivíduo, ou seja, do próprio caráter. Isso é possível pelo fato de que o homem aprende o que ele é pela experiência, e simplesmente pela “grande influência do conhecimento sobre o agir, apesar da vontade inalterável, ocorre de o caráter desenvolver-se e suas diversas feições entrarem em cena só gradativamente” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 382).

Em vista deste conhecimento sobre si mesmo, o caráter adquirido no ser humano possibilita a que ele determine o uso da razão sobre as experiências,

tornando possível aprimorar as determinações sobre seu comportamento perante os motivos. Dito isto, vê-se porquê as ações servem exclusivamente como evidência do que a pessoa é. É que, diz Schopenhauer:

Quanto à RACIONALIDADE do caráter, oposta à passionalidade, consiste propriamente dizendo no fato de a vontade jamais dominar suficientemente o intelecto até o ponto de o impedir de exercer corretamente a própria função de apresentar distinta, plena e claramente os motivos, *in abstracto* para a faculdade da razão, *in concreto* para a fantasia. Isso repousa tanto sobre a moderação e brandura da vontade, quanto sobre o vigor do intelecto. Apenas é exigido que o intelecto seja RELATIVAMENTE forte e suficiente para a vontade existente, logo, que ambos se encontrem numa proporção adequada (SCHOPENHAUER, 2015, p. 707).

Uma vez que o mundo real, acessível a nós pelas faculdades cognoscitivas, fornece o material para o estudo da Ética, por esse meio se pode chegar à verdadeira liberdade moral, que é apenas metafísica. Essa última não se confunde com o conceito de livre-arbítrio: a verdadeira liberdade moral é obtida pela compreensão daquilo que é essencial no ser humano, por meio do qual se criam as condições para contornar o caráter ilusório dos fenômenos. Vejamos a seguir, mais detalhadamente, em que consiste a compreensão schopenhaueriana de liberdade moral.

## Referências

- ASSIS, M. *Esau e Jacob*. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Editor/Garnier, 1904.
- CACCIOLA, M. L. M. O. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Editora Unesp, 1994.
- FERRAZ, M. C. "Liberdade e responsabilidade moral em Schopenhauer". In: PAVÃO, A.; FELDHAUS, C.; WEBER, J. F. (Orgs.). *Schopenhauer: metafísica e moral*. São Paulo: Dww editorial, 2014, p. 129-154.
- GOETHE, J. W. von. "Urworte, Orphisch", Apud SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Tradução, prefácio e notas de Jair Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- ORRUTEA FILHO, R. M. "Sobre a distinção entre individualidade moral e individuação corpórea em Schopenhauer". In: PAVÃO, A.; FELDHAUS, C.; WEBER, J. F. (Orgs.). *Schopenhauer: metafísica e moral*. São Paulo: Dww editorial, 2014, p. 155-188.
- PEDREIRA, André Luiz Simões. Comentários sobre os conceitos de caráter inteligível, caráter empírico e caráter adquirido em Schopenhauer. *Revista Problemata Internacional*: 2017, v. 8 n. 3, p. 143-159.
- SCHOPENHAUER, A. *Parerga e Paralipomena* (Capítulos V, VIII, XII, XIV). São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o fundamento da moral*. Tradução de Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

## O caráter e a moralidade humana segundo Arthur Schopenhauer

\_\_\_\_\_. *O mundo como vontade e como representação*, tomo I. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_. *Aforismos para sabedoria de vida*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *O mundo como vontade e como representação, Tomo II*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2015.

STAUDT, L. A. “Ética de Schopenhauer”. In: PAVÃO, A.; FELDHaus, C.; WEBER, J. F. (Orgs.). *Schopenhauer: metafísica e moral*. São Paulo: Dww editorial, 2014.

Submissão: 23. 02. 2022 / Aceite: 23. 03. 2022